

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

15 e 30 de Dezembro de 2023

**THE BRUSH ROPER / 1955**

*um telefilme de Stuart Heisler  
para a série Screen Directors Playhouse*

*Realização: Stuart Heisler Argumento: William Tunberg, Fred Gipson, a partir de uma história de Fred Gipson  
Fotografia: Eddie Fitzgerald Som: Charles Althouse, Joel Moss Montagem: Bruce Schoengarth Direcção  
artística: Charles F. Pyke Cenários: Rudy Butler Efeitos fotográficos: Jack R. Glass Interpretação: Walter Brennan  
(Avô), Lee Aaker (Cowhide), Edgar Buchanan (Sub Doyal), Olive Carey (Avó), Chuck Connors (Art Shirley).*

*Produção: Hal Roach Studios (EUA, 1955) com o apoio da Eastman Kodak Company Produtor executivo,  
Direcção de produção: Sidney S. Van Keuren Cópia: DCP (a partir de ficheiro digital), preto-e-branco, versão  
original com legendas electrónicas em português, 25 minutos Estreia da emissão televisiva: 23 de Novembro de  
1955, na NBC Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

**CHAIN LIGHTNING / 1950**

*um filme de Stuart Heisler*

*Realização: Stuart Heisler Argumento: Liam O'Brien, Vince Evans a partir da história de Lester, "These Many  
Years" Fotografia (35 mm): Ernst Haller Música: David Buttolph Som: Francis J. Scheid Montagem: Thoms Reilly  
Direcção artística: Leo K. Kuter Cenários: William Wallace Guarda-roupa: Leah Rhodes Caracterização: Betty  
Delmont, Ed Voight, Perc Westmore Efeitos especiais: Harry Barndollar Assistente de realização: Don Alvarado  
Interpretação: Humphrey Bogart (Tenente Matthew "Matt" Brennan), Eleanor Parker (Joan "Jo" Holloway),  
Raymond Massey (Leland Willis), Richard Whorf (Carl Troxell), James Brown (Major Hinkle), Morris Ankrum (Ed  
Bostwick), Fay Baker (Sra. Willis), Fred Sherman (Jeb Farley), etc.*

*Produção: Warner Bros. (EUA, 1950) Produtor: Anthony Veiller Cópia: Blu ray (ficheiro digital), preto-e-branco,  
versão original com legendas electrónicas em português, 94 minutos Estreia: 18 de Fevereiro de 1950, em Nova  
Iorque Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

\* Obrigada ao Andy Rector pelo apoio na preparação desta sessão em especial.

---

Humphrey Bogart teve, para sempre, Paris com Ingrid Bergman, quando os dois se encontraram em *Casablanca*. No início da década seguinte, noutro "drama de guerra romântico" dos estúdios de Hollywood, a companheira de créditos de Bogart é Eleanor Park e a cidade que o par guarda, para sempre, é Londres. Vem na surpresa da longa-metragem desta sessão, em que o "primeiro tempo", logo bela descoberta, traz o, a seu modo, igualmente fabuloso Walter Brennan, num dos títulos televisivos da fertilíssima filmografia com que atravessou Hollywood dos tempos pioneiros aos televisivos. É uma sessão Stuart Heisler, "que realizou filmes tão fantásticos como *The Biscuit Eater*, *Smash-up* e *Blue Skies*". Aos títulos dos anos 1940 citados no *off-genérico* da série "Screen Directors Playhouse", apresentando um dos seus "proeminentes realizadores deste país", talvez seja de acrescentar *The Glass Key*, mais visto na Cinemateca pelo paradigma *noir*.

O trabalho de Stuart Heisler está por estudar, adianta a nota do programa "Hours and hours..." que alinha dois dos seus filmes dos anos 1950, cruzando o trabalho em Hollywood e o seu derivado televisivo: produção "corrente" da Warner, *Chain Lightning* conta com um elenco de luxo numa produção do pós-

guerra; *The Brush Roper* um dos mais de sessenta títulos realizados por Heisler no contexto das séries televisivas da época, destila qualidade. Dados o brilhantismo, a curiosidade, as muitas muito distintas personalidades envolvidas, a “Screen Directors Playhouse” é uma das séries em que o presente programa insiste, valendo a pena lembrar que surgiu já como sucedâneo da emissão radiofónica da NBC. A adaptação radiofónica de filmes, interpretada por actores famosos de Hollywood, esteve “no ar” entre Janeiro de 1949 e Setembro de 1951 (primeiro sob a égide “NBC Theater”, “Screen Directors Guild” ou “Screen Directors Assigment”) dando depois lugar à versão televisiva da série-antologia produzida e filmada nos Estúdios Hal Roach: os filmes de cerca de trinta minutos, realizados por membros da Guild, foram emitida na NBC entre Outubro de 1955 e Junho de 1956 com o patrocínio da Eastman Kodak, e na ABC até Setembro do mesmo ano. Quando Stuart Heisler realizou o seu “episódio”, já a série contara com contribuições, na escrita e realização, de Leo McCarey (*Meet the Governor*, escrito e realizado por McCarey, foi o título inaugural), Frank Borzage, John Brahm, George Waggner, William A. Seiter, Norman Z. McLeod e Andrew L. Stone, pouco faltando para que chegassem os de John Ford, Tay Garnett, Allan Dwan, Ida Lupino ou William Dieterle. Todos eles, e outros ainda, se sentaram na cadeira de lona de realizador, com o seu nome, no estúdio iluminado pelo foco de um potente projector de cinema que serve de genérico à série. No caso de Heisler, devidamente apresentado pela recorrente voz *off* inicial, vemo-lo dar uma reviravolta para olhar a câmara que dele se aproxima na cinematográfica solidão do estúdio, e depois levantar-se dessa mesma cadeira e cirandar sorridente pelo aparato de filmagem até assentar a mão no guião de *The Brush Roper*. “Para esta noite, o Sr. Heisler escolheu a história de um western cheio de sentido humor intitulada *The Brush Roper*, com Walter Brennan no papel principal”.

O protagonismo não é mero pormenor. Brennan ficou associado à excelência do seu trabalho como *supporting actor* nos estúdios (começou na Universal na década de 1920), sobretudo sonante entre os anos 1930 e os 60. *Come and Get It, To Have and Have Not, My Darling Clementine, Red River, Rio Bravo* são alguns dos filmes de Hawks e Ford indestrinçáveis da sua presença neles, sempre com a fala pronta, o gesto justo, no momento certo, ao lado de heróis graciosos tantas vezes caídos em desgraças de que as suas personagens atentas sabiam salvá-los. *The Brush Roper* entrega-lhe o papel de um avô tão estimável quanto divertido, inconveniente, desastrado, uma personagem talhada para uma história em que entram um neto pequeno, uma avó maior que a vida, ou pelo menos do tamanho da vida, um cão e um touro. Também entra uma árvore de grande porte, onde o avô acaba pendurado depois de uma corrida inglória atado a um touro, socorrido em primeiro lugar pela mulher, a avó que o neto vai chamar e chega com ele a cavalo, de machado pronto para o resgate (no qual será ajudada por uma boa alma masculina mais jovem) e com a paciência e o amor do mundo.

O miúdo: “Avó, avó! Traz o machado, avó!” A avó: “O que aconteceu, Cow-hide? Onde está o teu avô? [...] Está morto?” O miúdo: “Morto? Qual morto, avó. Está só em cima de uma árvore.” A avó: “Em cima de uma árvore? O que raio estás para aí a dizer? O que está ele a fazer em cima de uma árvore?” O miúdo: “Nada de especial. Está simplesmente sentado no cavalo dele.” ... A rabugice do avô Brennan, um *cowboy* que talvez não tenha sido, e está com certeza não conformado, na velhice, à vida pacata de lavrador que lhe calhou em sorte, é o eixo da história, vertida em diálogos no melhor estilo de Hollywood, a par da interpretação, com a agilidade e a segurança a servirem de adjectivo a ambos. A personagem é também, em retrospectiva, precursora de outras tantas do velho Clint Eastwood, por exemplo, que por essa altura da sua vida jovem ainda não se sabia actor, e menos ainda realizador de cinema, mas já andava em cavalgadas-televisivas western, estreando-se na série da CBS “Rawhide”. Velhos heróis e não-heróis que caem de cavalos ou vão parar às copas das árvores sem se desmancharem por completo; mulheres de têmpera com mais coragem e mais coração à vista do que eles.

*The Brush Roper* é um pouco uma paródia ao western, o género das paisagens abertas e das salas comunitárias, adaptado ao ritmo narrativo e ao enquadramento visual do pequeno ecrã e adaptado a

uma história de avós. A tradição dos estúdios encontra a novidade da adaptação da sua linguagem ao novo meio e toma para o encontro uma naturalidade feliz. Está tudo nos enquadramentos, no desembaraço das personagens e no da câmara, nos *travellings* espantosos que sulcam terrenos cultivados de milho (vem à ideia, de Griffith, *The Corner in Wheat*) e seguem por entre árvores de folhagem cerrada, cenários de correrias de touros e cavalos, cordas, laços, e chapéus de *cowboy* (com o lastro de toda uma filmografia fundadora). Não há muitos planos muito abertos, há uma assinalável composição das imagens, há movimentos de câmara irrepreensíveis, estonteantes, uma beleza que está para lá da acção narrativa sem dela se desapegar. E a nota, duas vezes tocada, dos planos em que o rapazito se volta para a câmara – antepassado do gesto de Anna Karina no *Pierrot le fou* de Godard – reclamando um moderno “olhar câmara” e suspendendo a acção, para a comentar. Se o pequeno *cowboy* acompanha o avô na pequena aventura da perseguição a um touro que é preciso enlaçar para provar uma masculinidade western perdida, também o acompanha na imaginativa mente de contador de histórias. De outra geração, arrisca quebrar o feitiço quando olha a câmara nos olhos. Da segunda das vezes para a moral da história (soa melhor no original): “And that’s how Sub Doyle went home mad, and grandma got her garden patch plowed. I guess we showed the champion roper of Texas a thing or two about catching outlaw cattle. Me, and Duke, and grandpa.”

Com Humphrey Bogart, Bennan teve o encontro feliz de *To Have and Have Not*, espécie de *remake* de *Casablanca*, o filme em que Hawks os alinhou com Lauren Bacall, e ela e Bogart se formaram como “par ideal”. Por altura de *Chain Lightning*, Bogie estreava outro dos seus filmes superlativos, ao lado de Gloria Grahame, como Nicholas Ray os viu *In a Lonely Place*. Da fase final da ligação do actor à Warner, o filme de Stuart Heisler não pertence a essa constelação genial de obras com Bogart, refletindo a produção que dava conta dos progressos na aviação e na aeronáutica americanos, imbuída ainda dos traumas de guerra filtrados por Hollywood. A personagem do ex-piloto bombardeiro de guerra actual piloto de testes numa empresa de aeronaves, acompanha um enredo de ajuste de contas com o passado heróico-inglório-traumatizado em que pontuam a camaradagem, a coragem, uma paixão por viver. O par que Bogart forma com Eleanor Parker, o tal par da história de paixão em Londres em tempo de guerra, tem uma vibração de sensibilidade magoada. Que lhes fica bem.

Maria João Madeira